

TÍTULO: Tempos de Eduardo Lourenço •  
Fotobiografia  
AUTOR: Maria Manuela Cruzeiro  
Maria Manuel Baptista  
EDIÇÃO: Campo das Letras  
PORTO, 2003

A alguém que um dia lhe pediu a sua biografia, Raul Brandão respondeu: "Podia dizer-lhe quando nasci, quando comecei a escrever, etc etc. Considero tudo isso inútil. O importante seria dizer-lhe quando o fantasma se intrometeu na minha vida. Nem sei ao certo". Para acrescentar: "Da minha vida não posso avançar mais nada, além do que aí está em farrapos, nalguns dos meus volumes". Não encontraríamos melhor síntese para identificar a verdadeira natureza deste trabalho sobre alguém que repetidamente tem afirmado ser o seu mundo real o mundo da poesia e da ficção. Tempos de Eduardo Lourenço é, pois, antes de mais, um convite e um desafio para um encontro ou reencontro com o pensador e a sua poética singularíssima, conhecendo o que dele não sabíamos, da infância à idade projectiva (do presente ou do futuro) espaço do desejo e da utopia quase inteiramente dedicado a estes que nós somos.

Tentou-se o equilíbrio entre o ensaísmo e a notícia possível de uma vida, sem que aquele se descuide do que é exigência e questionamento, sem que esta se dissolva num acumular de indicações à revelia do contexto e da hermenêutica. Com o fio invisível de uma interrogação nuclear que acompanha toda a sua vida vivida e escrita. Como Penélope: deste texto

(deste tecido) fizemos e desfizemos. Para reconstruir ao contrário de Penélope, como disse Jacinto Prado Coelho.

Centenas de fotos, e milhares de páginas de e sobre E. Lourenço. E nessa verdadeira torrente de escritos, ensaios, reflexões, declarações, entrevistas ou fragmentos do Diário, como articular, sem simplificar, o múltiplo E. Lourenço da filosofia, da literatura, da pintura ou do cinema, da política e da cultura, com o Eduardo Lourenço homem, filho, irmão, marido, pai, professor e amigo?

Tendo começado por recusar a afirmação do próprio autor de que fala de si em tudo o que escreve (pois nada nos parecia menos autobiográfico do que os seus ensaios!) acabámos por descobrir que num sentido menos óbvio, afinal há mais reflexo intimista e confessional na escrita de E. Lourenço, do que parece à primeira vista. Este é, eventualmente, um dos maiores méritos desta Fotobiografia, que mostra, e, em certo sentido, revela em primeira mão um Eduardo Lourenço Escritor e Poeta, que afinal sempre aí estava, mas que nós não víamos, pelo menos com a nitidez e o fulgor vivo que se desprende da leitura desta obra.

Mais do que uma escrita em discurso directo (e em tempo real) que mais uma entrevista (a juntar a tantas e tantas outras) poderia dar, a opção foi mostrar que o que estava aí, era o mais aproximado e fiel retrato de Eduardo Lourenço. Sem pretensões de "objectividade" e, sobretudo, fugindo da superficialidade discursiva (por vezes tão próxima do anedótico) "essa retórica levitânica dos meios de comunicação que fazem furor efémero, porque assentam em clichés sem vida, gírias sem sentido, falsidade intencional ou inconsciente", como agudamente observa George Steiner. Ao contrário, a pretensão é a de alcançar essa subjectividade, derramada numa escrita "lúrica e

passional". Para isso contribui, antes de mais, o voluntário apagamento autoral (o texto é exclusivamente de E. Lourenço) bem como a organização dos fragmentos, na fórmula feliz de Miguel Pedro Quadrio "indexados ao pensamento de Lourenço, arrumando-os não por data de composição, mas pelo instante percebido".

Finalmente o diálogo entre texto e imagem: Não estamos perante uma vida contada por imagens nem perante um álbum de recordações, para deleite de um voyeurismo insaciável, mais próprio do "gênero revistas sociais, onde o lustro do papel, a exuberância da cor, a artificialidade da luz e da pose não conferem qualquer grau de risco", no dizer do responsável gráfico António Modesto, que considera ainda que numa obra como esta "o atributo qualidade, não deve corresponder ao virtuosismo técnico, mas sim semântico", porque "as imagens nem sempre retratam ou ilustram, mas também evocam, simbolizam, testemunham, remetendo sempre para o texto, num todo harmonioso em que o ritmo, a repetição, o espaço vazio (brancos), a escala e o enquadramento fazem parte da retórica do *design* visual e devem também ser lidos com tempo, esforço, inteligência e cultura visual" (António Modesto).

Tempos de Eduardo Lourenço foi pensado e trabalhado como uma "Biografia Literária", afinal a única biografia de quem afirmou justamente no dia do seu lançamento na Biblioteca Joanina desta sua Universidade: "Às vezes penso que só sou feito de papel. E quando chegar perto de Deus, este dirá: desembrulhem-me lá este sujeito. E então serão camadas e camadas de papel, com um coração no fundo".

Maria Manuela Cruzeiro  
Maria Manuel Baptista



Pour moi il faut être que nous marchons  
dès le commencement vers notre commercial,  
ce plus bizarre c'est de s'apercevoir que notre  
démocratie se peut à rebours. Nous marchons  
vers nous-mêmes avec une telle peur  
de nous trouver que l'avenir prend le contour  
de notre avancement.